

CONTRIBUIÇÃO DE ESCALAS COMO CATEGORIA DE ANÁLISE PARA A PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

CONTRIBUTION OF SCALES AS A CATEGORY OF ANALYSIS FOR SOCIOLINGUISTIC RESEARCH

CONTRIBUCIÓN DE ESCALAS COMO CATEGORÍA DE ANÁLISIS PARA LA INVESTIGACIÓN SOCIOLINGÜÍSTICA

Manoella Gonçalves Bazzo¹

Resumo: Este artigo apresenta uma síntese sobre o conceito de escala a partir de Blommaert (2010) e Kell (2009; 2015), com algumas considerações sobre seu uso na prática de análise sociolinguística. A pesquisa é de cunho bibliográfico, contextualizando a sociolinguística em tempos de globalização e destacando as perspectivas de escalas verticais e horizontais. Considera-se importante a renovação metodológica para acompanhar os fenômenos sociolinguísticos no século XXI, e o uso de escalas, como categoria de análise, torna-se uma ferramenta fundamental por acompanhar, na prática, as trajetórias e movimentos das pessoas e de textos e suas relações no espaço e no tempo.

Palavras-chave: sociolinguística; globalização; escala; categoria de análise.

Abstract: This article presents a synthesis on the concept of scale from Blommaert (2010) and Kell (2009; 2015), with some considerations about its use in the practice of sociolinguistic analysis. The research is a bibliographical one, contextualizing the sociolinguistics in times of globalization and highlighting the perspectives of vertical and horizontal scales. Methodological renewal is considered important to accompany sociolinguistic phenomena in the 21st century, and the use of scales, as a category of analysis, becomes a fundamental tool to follow, in practice, the trajectories and movements of people and texts and their relations in space and time.

Keywords: sociolinguistics; globalization; scale; category of analysis.

Resumen: Este artículo presenta una síntesis sobre el concepto de escala a partir de Blommaert (2010) y Kell (2009; 2015), con algunas consideraciones sobre su uso en la práctica del análisis sociolingüístico. La investigación es de cuño bibliográfico, contextualizando la sociolingüística en tiempos de globalización y destacando las perspectivas de escalas verticales y horizontales. Se considera importante la renovación metodológica para acompañar los fenómenos sociolingüísticos en el siglo XXI, y el uso de escalas, como categoría de análisis, se convierte en una herramienta fundamental por acompañar, en la práctica, las trayectorias y movimientos de las personas y de textos y sus relaciones en el espacio y en el tiempo.

Palabras clave: sociolingüística; globalización; escala; categoría de análisis.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Pará (UEPA) e mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: manugbazzo@gmail.com

Introdução

Este artigo se volta para questões da área da Sociolinguística e os desafios da pesquisa sociolinguística no espaço globalizado, onde a mobilidade e o trânsito de pessoas e de textos têm contribuído para o fomento de novas formas de comunicação e relações sociais com a língua, o que exige novas formas de análise para essas interações.

Esse artigo pretende abordar a categoria de escala, cuja aplicabilidade envolve relações entre o espaço e o tempo e a trajetória de textos e pessoas (BLOMMAERT, 2010; KELL, 2015); traz como objetivo apresentar uma síntese sobre o conceito de escala a partir de contribuições de Blommaert (2010) e Kell (2009; 2015), com algumas considerações sobre seu uso na prática de análise sociolinguística.

Conforme Blommaert (2010), a escala é uma metáfora que serve para explicar o movimento de pessoas e textos dentro de diferentes espaços semiotizados e estratificados, por isso apresenta uma característica vertical. Em Kell (2009; 2015), as escalas se relacionam com trajetórias textuais num movimento horizontal dentro do espaço e do tempo, em atividades práticas de letramento. Percebe-se, portanto, que essa categoria apresenta algumas divergências teóricas com diferentes aplicabilidades no campo linguístico e social.

Entende-se que muito além de simples descrição linguística, o trabalho com escalas permite uma prática de análise capaz de capturar questões de estratificação e poder presentes nas relações sociais, ao acompanhar os usos e aplicabilidades de recursos linguísticos em diferentes espaços e de diferentes formas. Sendo assim, por meio dessa análise bibliográfica, pretende-se discutir a categoria de escala e responder à seguinte questão: como essa categoria pode contribuir para o trabalho da pesquisa sociolinguística no século XXI?

Assim, esse trabalho se encontra dividido em cinco partes, sendo essa introdução; uma seção onde se procura contextualizar as práticas de pesquisas sociolinguísticas em tempos de globalização; uma terceira seção explora a noção de escala dividida nas duas perspectivas mencionadas acima. Para finalizar, algumas considerações e as referências que embasaram essa reflexão.

1 Sociolinguística, globalização e os processos de mobilidade

A Sociolinguística é uma área que surge na segunda metade do século XX, alcançando grande destaque nas análises linguísticas de então, quando a relação língua, cultura e sociedade é novamente discutida, após a fixação do estruturalismo e do fortalecimento do gerativismo na Linguística.

Essa nova área nasce interdisciplinar com contribuições de pesquisadores de diferentes campos das ciências, como Antropologia, Psicologia e Etnologia com a Linguística (ALKMIN, 2007). No Brasil, a sua vertente variacionista é uma das áreas mais prolíferas e com maior abrangência (FREITAG, 2016), promovendo o conhecimento e a caracterização de diferentes comunidades de fala por todo o país.

Com os avanços tecnológicos e com a globalização, a mobilidade de textos e pessoas tornou-se cada vez maior, com trocas de informações cada vez mais rápidas e contatos sendo realizados com maior intensidade do que no século passado (BLOMMAERT, 2010; MOITA LOPES, 2013). Como destacado por Blommaert (2010), o mundo não se tornou uma “vila”, mas um complexo emaranhado de redes, de cruzamento de textos e corpos que viajam por diferentes lugares, tempos e espaços. Por isso, “a ideologia linguística da delimitação linguística a uma comunidade precisa ser revista [...]” (MOITA LOPES, 2013, p. 27). Ou seja, com as mudanças sociais presentes nesse novo século, novas formas de fazer pesquisa vão sendo exigidas, bem como a renovação de teorias que consigam explicar tais mudanças tornam-se necessárias.

Dessa forma, entende-se que o fazer pesquisa Sociolinguística no século XXI precisa de renovação teórica e metodológica (MOITA LOPES, 2004) e de novas ferramentas conceituais (BLOMMAERT, 2010), com vistas a alcançar melhores respostas à complexidade presente nas relações entre língua, sociedade e cultura. Assim, “[the] globalization forces sociolinguistics to unthink its classic distinctions and biases and to rethink itself as a sociolinguistics of mobile resources, framed in terms of trans-contextual networks, flows and movements” (BLOMMAERT, 2010, p. 01).

Para responder a essa demanda, é fundamental que a pesquisa sociolinguística se envolva com outros campos das ciências naturais e humanas (MOITA LOPES, 2004), ou seja, possa retomar sua origem interdisciplinar – ou híbrida, permitindo que os construtos teóricos desses outros campos do conhecimento ajudem na compreensão da relação língua, sociedade e cultura

em tempos de mobilidade e globalização.

É nesse sentido que Blommaert (2010) propõe uma Sociolinguística da Globalização, tomando os fenômenos linguísticos não apenas como locais, mas como globais, com diferentes escalas e níveis entre eles. Algumas características desse movimento no mundo são as variações percebidas nos processos migratórios, antes considerados simples mudanças espaciais, agora se tornaram mais complexos com o fenômeno da superdiversidade² (BLOMMAERT, 2010; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011).

Para contribuir para o campo da análise linguística nesse ambiente de mobilidade e superdiversidade, Blommaert (2010) propõe o uso de três conceitos teóricos, sendo eles: “escalas sociolinguísticas”, “ordens de indexicalidade” e “poliцентризм”. A relação entre os três conceitos é simplificada nas próprias palavras do autor:

Together they provide a descriptive frame: language (here seen as the mobile resources mentioned earlier) needs to be seen as a phenomenon that occurs (or has the potential to occur) at different scale-levels. Mobility across these different scales involves important shifts in function, structure and meaning; and since globalization introduces the global as a relevant level of context, we can expect such shifts to occur generally. The shifts are shifts that involve the reordering of normativity: linguistic resources move through different orders of indexicality, and every move involves a different set of indexical potentials for the resources. What works well in one context may not work at all in another. The reason is that such orders of indexicality need to be seen as organized in polycentric systems, in which different centers – Bakhtinian ‘super-addressees’ from which real or perceived norms emanate – co-occur in complex (and often opaque) simultaneous relationships (BLOMMAERT, 2010, p. 21-22).

É importante frisar que o uso desses conceitos dentro da pesquisa sociolinguística implica, especialmente, uma prática etnográfica de coleta de dados, como foi adotado por Bayham (2009), Blommaert (2010) e Kell (2015; 2009), entre outros autores, tendo em vista a importância que se dá no “mergulho” do pesquisador dentro do campo de pesquisa. Como Blommaert (2010) aponta, a pesquisa sociolinguística da globalização precisa de uma etnografia “sensível” capaz de acompanhar o desenvolvimento semiótico produzido pelos participantes.

² A superdiversidade é entendida como “a tremendous increase in the categories of migrants, not only in terms of nationality, ethnicity, language, and religion, but also in terms of motives, patterns and itineraries of migration, processes of insertion into the labour and housing markets of the host societies, and so on” (VERTOVEC, 2010 *apud* BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p. 01). Apesar de compreender sua importância para o processo da globalização, esse conceito não será aprofundado neste artigo.

2 Escala como categoria de análise

De posse dessa contextualização, dentre os três conceitos acima destacados, elegeu-se a categoria de escala como foco deste artigo. A escolha é simples questão metodológica e prática, tendo em vista que se considera igualmente a importância de todos para análise.

Assim, apresenta-se a síntese do conceito de escalas, considerando que a mesma categoria é abordada por duas perspectivas: escalas verticais, embasada, principalmente, no trabalho de Blommaert (2010), com algumas contribuições de Baynham (2009); e escalas horizontais, explorada com profundidade por Kell (2015; 2009) em suas análises.

2.1 A escala vertical

Blommaert (2010) destaca a noção de escala como um conceito necessário para as análises de fenômenos sociolinguísticos em tempo de globalização. Essa noção serve como uma metáfora para se imaginar os movimentos de pessoas e de textos através de diferentes espaços. Esses espaços não estão vazios, e ao se moverem, tanto as pessoas quanto os textos, se deparam e se envolvem com diferentes tipos de “códigos, normas e expectativas”. Tal diferença destaca a desigualdade social presente no acesso aos recursos linguísticos, fruto do poder simbólico e da atribuição de valores às línguas construídos socialmente (BOURDIEU, 1991 *apud* BLOMMAERT, 2010).

Para a melhor compreensão da noção de escala, é necessário entender que as relações sociais acontecem num tempo e num espaço que não estão separados, mas pelo contrário, encontram-se unidos na construção de significados. Ou seja, “every social event develops simultaneously in space and in time, often in multiply imagined spaces and timeframes” (BLOMMAERT, 2010, p. 34). Daí que Wallerstein cunha a noção “espaço-tempo”, destacando a indissociabilidade desses aspectos para o trabalho com os fenômenos linguísticos e sociais, adotando-os como uma “dimensão única” (WALLERSTEIN, 1997 *apud* BLOMMAERT, 2010).

Baynham (2009) utiliza a noção de espaço-tempo em seu trabalho com relatos de narrativas de deslocamento de migrantes marroquinos para o Reino Unido. Conforme esse

autor, as narrativas de migrantes são bons exemplos de compreensão sobre como o participante se orienta no espaço e no tempo, tendo em vista que “[...] they are centrally constructed around experiences of dislocation and relocation, bringing into the here-and-now and the then-and-there of the storyworld diferente and potentially conflictual spaces and times” (BAYNHAM, 2009, p. 131).

Dessa forma, a noção de escala permite ao sociolinguista observar o fenômeno de produção de significados dentro do jogo das relações sociais, envolvendo diferentes lugares, tempos, recursos e acesso a esses recursos, tendo em vista a mobilidade de pessoas e de textos no espaço-tempo, tendo como contexto o Sistema-Mundo de Wallerstein (BLOMMAERT, 2003).

A noção do Sistema-Mundo que Blommaert adota de Wallerstein (1983; 2001) ajuda aquele autor a entender o aspecto da desigualdade presente no campo da linguagem. O mundo, e as relações sociais, por conseguinte, deve ser compreendido como um sistema desigual e não uniforme. Segundo Blommaert (2003, p. 612) “*Inequality, not uniformity, organizes the flows and the particular nature of such flows across the ‘globe’*. Consequently, whenever sociolinguistic items travel across the globe, they travel across *structurally different* spaces, and will consequently be picked up differently in different places”. Assim, a distribuição e valorização de variedades dos recursos linguísticos é fruto da desigualdade das políticas linguísticas presente nas relações sociais. Esse ponto é fundamental para a compreensão das escalas envolvendo os movimentos de pessoas e de textos dentro da sociedade, a desigualdade de acesso e as construções de significados que podem ser realizadas, onde se observa que “[...] some resources allow mobility across situations and scale-levels” (BLOMMAERT, 2010, p. 12). Dessa forma se entende que as relações econômicas e sociais associadas ao uso da variedade padrão do português permite muito mais acesso (mobilidade) a diferentes espaços na sociedade do que aquelas relacionadas ao uso de uma variedade popular, ou um “dialeto”. É como destacou Gnerre (1991, p. 06-07): “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Por conta dessa desigualdade presente nas relações sociais e, conseqüentemente, no campo linguístico, entende-se que as escalas se encontram organizadas em camadas, fáceis de serem compreendidas numa visão vertical, tomadas em dualismo de extremos, como do micro

(o mais local) ao macro (o mais global), do individual ao coletivo, do local ao translocal, do específico para o geral (BLOMMAERT, 2010). Esse movimento de um extremo ao outro é compreendido como “saltos escalares” que os recursos ativam dependendo das relações indexicais³ que são realizadas (BLOMMAERT, 2010). A verticalização da escala no espaço é a melhor metáfora para se compreender a dinâmica dos fenômenos sociolinguísticos, pois esses acontecem num espaço-tempo marcado pelas relações sociais. “In that sense, scale may be a concept that allows us to see sociolinguistic phenomena as non-unified *in relation to a stratified, non-unified image of social structure.*” (BLOMMAERT, 2010, p. 34).

Para melhor compreensão da noção de “salto escalar”, Blommaert (2010) descreve a seguinte cena: imagine-se um acadêmico de pós-graduação (A) e seu professor (P) tendo a seguinte conversa:

A: Eu vou iniciar minha dissertação com um capítulo relatando meu trabalho de campo.

P: Aqui, nós iniciamos nossa dissertação com um capítulo de revisão bibliográfica.

Como explica o autor, em sua fala, o acadêmico estava centrado em sua realidade, em seu trabalho e sua pesquisa. A fala do professor realiza um salto escalar que mobiliza a mudança de espaço: do individual para o institucional; de pessoal para impessoal e geral. Ou seja, “the tutor’s move is a vertical move performed in a stratified, hierarchically layered system, in which higher scale-levels (institutional and community norms and rules) prevail over lower scale-levels (the individual concerns of the student)” (BLOMMAERT, 2010, p. 35).

Baynham (2009) também aborda os efeitos dessa relação escalar durante uma de suas entrevistas com os marroquinos do Reino Unido, o qual, além de indexicalizar níveis escalares verticais, acarreta efeitos na construção de identidades. Em seu exemplo, o autor explica que um garoto, cujo nome é Tariq, filho do sr. M. e da Sr^a. F, reconhece que ele (Baynham) não é um árabe devido à forma diferente de falar, como se pode acompanhar no diálogo destacado pelo autor:

Tariq: You don’t speak like us.

Mike: Why not?

Tariq: Because we are Arabic.

³ Conforme Blommaert (2010), a conexão entre as escalas só pode acontecer por meio de uma relação indexical. A noção de indexicalidade não será assunto desse artigo, mas pode ser mais bem compreendida a partir de leituras como Blommaert (2010) e Silverstein (2003).

(BAYNHAM, 2009, p. 138)

Por sua vez, sr. M. posiciona sociolinguisticamente Tariq em sua relação emergente com a língua, ao usar o árabe padrão com o garoto e esse não conseguir entender. “He [M.] then asks Tariq, in classical Arabic, teasingly, ‘ma ismuka?’ (what is your name?), to which Tarik replies (in a small voice and in Moroccan Arabic) ‘šnu?’ (what?)” (BAYNHAM, 2009, p. 139). Para Bayhnam (2009) o salto escalar dentro desse episódio parte do vernáculo (local) para uma língua padrão (nacional), uma língua da religião, “[...] into which Tariq will be apprenticed when he is a little older” (BAYNHAM, 2009, p. 139). Esse deslocamento compreende corpos sendo posicionados e se posicionando dentro do espaço sociolinguístico.

Um ponto muito importante é perceber que todas as realizações linguísticas devem ser situadas, se elas mudam de um lugar para outro, seus valores também mudam, bem como os significados a elas atribuídos, ou seja, “Locality and mobility co-exist, and whenever we observe patterns of mobility we have to examine the local environments in which they occur” (BLOMMAERT, 2010, p.22). Assim, o letreiro de uma loja como “Nina’s Derrière”⁴ perde o significado linguístico do Francês e ganha outro recurso semiótico ao estar situado numa loja no Japão. Como explica Blommaert (2010, p. 29): “Its Frenchness was *semiotic* rather than linguistic: important was not its linguistic function as a denotational sign, but the *emblematic* function it had in signalling a complex of associative meanings, the things I captured under the term French *chic*”. Portanto, o que o termo “derrière” significava não era importante, a sua importância estava em simbolizar o valor “chique” de uma loja de chocolate no Japão.

Dessa forma, o uso de escala como categoria de análise colabora para que o pesquisador compreenda os movimentos verticalizados realizados pelos fenômenos sociolinguísticos, sendo capaz de acompanhar tais trajetórias nos diferentes níveis das relações sociais, partindo de eventos mais locais para translocais, pessoal para impessoal, particular para público, situados para globais. Percebendo, portanto, a relação intrínseca entre língua, sociedade e cultura, mas também entre uso e comportamento sociais e linguísticos.

⁴ Esse exemplo foi utilizado por Blommaert (2010) e aqui é apresentado sucintamente. Contextualizando, observa-se que a fachada da loja utiliza estrutura do inglês (Nina’s) com o emprego de recursos do francês (derrière). Em sua análise, Blommaert (2010) destaca o emprego do termo em francês, o qual pode ser traduzido como “traseiro”, para uma fachada de loja de chocolate no Japão.

2.2 A escala horizontal

Se a noção de escala proporcionada por Blommaert (2010) é, principalmente, uma visão vertical do espaço-tempo, como uma metáfora para a compreensão das desigualdades e estratificações presentes nas relações sociais e nas trocas de recursos linguísticos, Kell (2015; 2009) aponta para o movimento horizontal de textos (trajetórias textuais).

Essa mudança de perspectiva é fruto de seu trabalho em favelas na África do Sul, e traz contribuições significativas para análises escalares da mobilidade de pessoas e de recursos linguísticos no mundo globalizado. Muito além de apontar os níveis de estratificação social por qual passam os fenômenos sociolinguísticos, a análise escalar na perspectiva horizontal permite acompanhar o emprego concreto dos usos de recursos linguísticos no espaço e no tempo.

A proposta de Kell (2015; 2009) se volta para o questionamento em compreender “[...] how exactly communication occurs across time and space” (KELL, 2015, p. 72), pois verifica que a metáfora vertical de escala não consegue suprir essa demanda. Em sua visão, a proposta de Blommaert permanece no plano espacial, portanto definida como “espacialização da sociolinguística”, na qual “[...] the concept of scale would be valuable in linking localized productions of meaning with larger-scale orderings” (KELL, 2015, p. 74). Dessa forma, a autora propõe uma “sociolinguística contextualizada”, onde se observe o “movimento de palavras” para o processo “meaning-making⁵”.

Sua categoria de análise é a recontextualização como escala horizontal, em atividades de letramento concretas. A recontextualização é entendida como “[...] meaning making literally shifted across space and time” (KELL, 2009, p. 257). Ou seja, o processo “meaning making” acontecendo e sendo deslocado no tempo e no espaço, contribuindo para que outros aspectos relacionados à vida social surjam, como desigualdades, cultura, identidade e poder.

Como ela explica, sua análise chega a esse caminho a partir de contribuições de algumas pesquisas sobre a interação de eventos de letramento e práticas de letramento. Com isso por base, ela volta-se para o “como” a interação entre o local e o distante acontece nos eventos de letramento do cotidiano, e busca ferramentas para o desenvolvimento de uma “linguagem de descrição” baseada em Bernstein (1996). Kell (2009) também baseia sua análise a partir de Burawoy (1998), para o qual o trabalho etnográfico toma o contexto não como ponto de

⁵ Uma possível tradução para o português seria “produzindo significado”, contudo, optou-se por utilizar o termo em inglês por entender que o sentido proposto pela autora corre o risco de ser alterado.

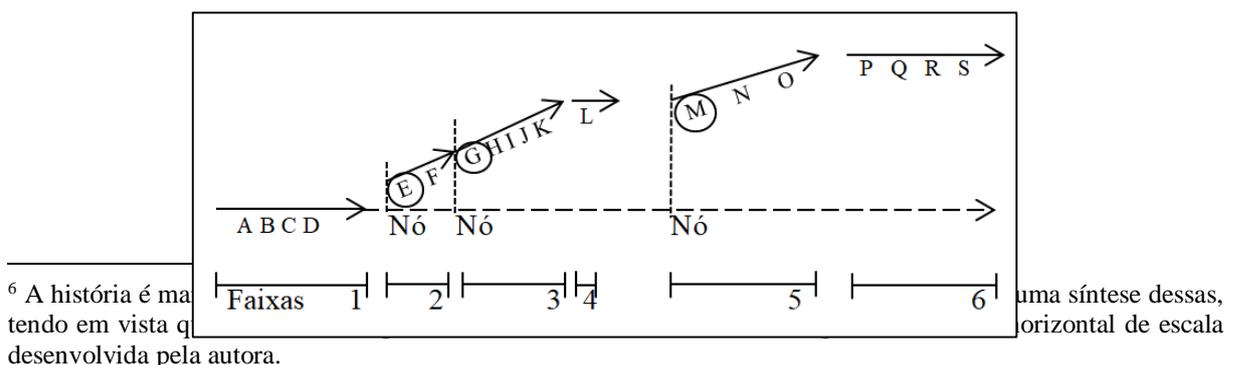
conclusão, mas de partida, tendo dois focos principais: um no processo, que permite a observação do tempo e do espaço; e outro nas forças sociais. Esse trabalho exige do pesquisador dois movimentos, sendo: a) movimento da situação para o processo, na qual o observador deve mover-se junto com o participante no seu espaço e tempo; b) movimento do processo às forças sociais que influenciam no local etnográfico (KELL, 2009).

Para compreender na prática como isso acontece, Kell (2015; 2009) traz o exemplo de uma moradora chamada Nomathansanqa. Num contexto maior, essa moradora faz parte de um assentamento localizado em Cape Town, África do Sul. Os moradores desse assentamento conseguiram ajuda do governo para construção de suas próprias casas de tijolos. O problema de Noma é que sua casa apresentava sérios problemas de construção, o qual foi reclamado (oralmente) várias vezes por ela nos encontros da comunidade, sempre sem sucesso. Até que um dia, durante uma atividade no projeto de escrita que a autora Kell (2015; 2009) iniciou na comunidade, Noma escreve uma narrativa sobre sua situação. Essa narrativa tomou uma grande repercussão dentro da comunidade, e a moradora acabou lendo sua história no encontro nacional. O resultado final foi que Noma recebeu o dinheiro necessário para o conserto de sua casa⁶.

Kell (2015; 2009) destaca a importância de se acompanhar a trajetória textual dos eventos de letramento em situações reais e concretas. No exemplo de Noma, se destaca que o “meaning-making” foi realizado em diferentes espaços e tempos, com a entextualização e a recontextualização de sua narrativa, resultado numa realização concreta: a reforma da casa. Se fosse observado somente no nível escalar vertical, a mesma análise poderia ser muito diferente, pois muito da movimentação no espaço e no tempo horizontal trouxe enorme significado para a construção da análise.

Na figura 1, logo abaixo, se acompanha a trajetória de Noma em cada evento realizado.

Figura 1: Trajetória de Noma – os nós mudando a direção da trajetória



Fonte: Kell, 2009, p. 264

Conforme explica Kell (2009, p. 262): “withing a trajectory, each time the meaning-making process shifted across participant framework and/or space and time, the new ‘context’ (in the interactive rather than the spatial sense) that thus emerged was called a strip”. Portanto, cada faixa é um conjunto de eventos que acontecem no espaço e no tempo com diferentes períodos entre si e entre cada faixa. No exemplo de Noma, cada evento é representado por uma letra (A a S) e cada número (1 a 6) representa uma faixa de eventos, marcada por estruturas participantes. As setas verticais demonstram a mudança do processo meaning-making que a moradora teve, saindo do local para contextos maiores. Em cada momento de transição de faixa ocorre a recontextualização do processo meaning-making, demonstrando a mudança de trajetória da narrativa e os implicacionais da estrutura de poder presentes nas relações.

O esquema proposto por Kell (2009) está incluído dentro de um escopo maior que é o de uma linguagem de descrição capaz de auxiliar no enquadre para os níveis de escala a serem utilizados, o uso de lentes que hora podem focalizar os microprocessos a fim de ampliá-los, ou focalizar os macroprocessos para situá-los. Ela aponta também que nem sempre se pode classificar um fenômeno como global, mas antes se deve tomá-lo simplesmente como “não-local”, a partir do ponto de vista do que se pode classificar como “local” (KELL, 2009).

Essa abordagem permite ao pesquisador acompanhar as trajetórias textuais em situações reais de uso na vida das pessoas, mobilizando mudanças significativas nas relações sociais e no emprego dos recursos linguísticos.

3 Considerações finais

O percurso aqui conduzido esteve embasado, principalmente, nas contribuições de Blommaert (2010) e Kell (2015; 2009) com a finalidade de apresentar o uso de novas ferramentas para o trabalho com os fenômenos sociolinguísticos em tempos de globalização, com destaque para a categoria de escala.

Retomando a pergunta inicial desse artigo: “como a categoria de escala pode contribuir para o trabalho da pesquisa sociolinguística no século XXI?” - acredita-se que o uso de escalas,

tanto verticais quanto horizontais, permite ao pesquisador sociolinguista a reflexão sobre as implicações dos usos e empregos dos recursos linguísticos em ambientes de grande mobilidade, com fronteiras e/ou comunidades menos fixas e fechadas, onde corpos e textos transitam, tomando diferentes significados e (re) construindo outros; onde é possível reconhecer estruturas profundas presentes nas relações sociais sobre dominação e poder desses corpos e desses textos, com as aplicações práticas, reais e concretas de recursos linguísticos.

Para o uso dessa categoria, é importante que o pesquisador esteja envolvido eticamente com a coleta e análise de dados, mas também que saiba valorizar a visão êmica em sua pesquisa (KELL, 2009), por meio de uma prática etnográfica sensível às mudanças ocorridas no campo sociolinguístico, a qual reflete mudanças em níveis mais profundos da realidade social.

As escalas sociolinguísticas, portanto, contribuem para acompanhar o movimento e as trajetórias de pessoas e textos dentro de espaços e tempos estratificados (BLOMMAERT, 2010), cuja estrutura de poder implica no apagamento de alguns, na valorização de outros; mas também contribui para que se possa perceber como aqueles (corpos e textos apagados e desvalorizados) sobrevivem apesar das propostas de homogeneização ou da ideologia linguística de língua única presentes na sociedade.

Referências

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-47. 1 v.

BLOMMAERT, Jan. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: University Press, 2010. Capítulos 1 e 2.

_____. Commentary: a sociolinguistics of globalization. *Jornal of Sociolinguistics*, Oxford (UK); Malden (USA), 7/4, 2003, p. 607-623. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2003.00244.x>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. Language and superdiversity. *Diversities*, v. 13, n. 2, p. 1-22, 2011.

BAYNHAM, Mike. ‘Just one day like today’: scale and the analysis of space/time orientation in narratives of displacement. In: COLLIN, James; SLEMBROUCK, Stef; BAYNHAM, Mike (Ed.). *Globalization and language in contact: scale, migration, and communicative practices*. London: Continuum, 2009. p. 130-147.

FREITAG, Raquel Meister Ko.. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 58, n. 3, p. 445-460, dez. 2016. ISSN 2447-0686. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8647170>>. Acesso em: 12 jul. 2018. doi:<https://doi.org/10.20396/cel.v58i3.8647170>.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 05-10.

KELL, Catherine. Ariadne's Thread: literacy, scale and meaning-making across space and time. In: STROUD, Christopher; PRINSLOO, Mastin (Ed.). *Language, literacy and diversity: moving words*. New York: Routledge, 2015. p. 72-91.

_____. Weighing the scales: recontextualization as horizontal scaling. In: COLLIN, James; SLEMBROUCK, Stef; BAYNHAM, Mike (Ed.). *Globalization and language in contact: scale, migration, and communicative practices*. London: Continuum, 2009. p. 252-274.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 18-52.

_____. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. *Scripta*, [S.l.], p. 159-171, mar. 2004. ISSN 2358-3428. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12552>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*, n. 23, p. 193-229, 2003.

*Recebido em 12 de março de 2019.
Aceito para publicação em 20 de maio de 2019.*